

DESCOBRINDO AS RIQUEZAS DAS CORES

Suzete Monteoliva P. Graziano*

Como definir a juventude negra no Brasil e como despertar a criança para as riquezas das raças e suas cores? A diversidade e a desigualdade social a respeito da escolaridade, da saúde, do lazer, gênero e outros fatores não só dificultam essa definição como também criam fantasmas a respeito delas.

Segundo a nova visão desse enfoque pedagógico, a professora Rita de Cássia Silva Santos, mostra que através de atividades recreativas, artísticas e culturais dentro do ambiente escolar, ainda na fase infantil, devem ser apresentadas para a criança, valorizando as diferenças de raças e numa face positiva transformar do preconceito para a aceitação da diversidade.

De fato, estes jovens, em seu período na iniciação escolar, passam por um primeiro processo de socialização, que permite formar o cidadão do futuro, portanto é preciso um olhar crítico e cuidadoso do sistema de ensino para alcançarmos o resultado desejado.

Segundo A. I. Pérez Gomes (1999), no meio escolar acontecem conflitos de idéias, opiniões, pensamentos, culturas, valores e interesses, conflitos esses, causados justamente pela diversidade que encontramos no ambiente de uma escola. Sabemos que o atual sistema de formação deixa muito a desejar em meio a esses conflitos, que opera com a diversidade e o preconceito muito próximos, tornando-o propício para desenvolver e alimentar o racismo.

Promover atividades artísticas, culturais e recreativas é um caminho positivo de integração e interação destas etnias diversificadas dentro das comunidades escolares, e que reflete diretamente na comunidade social. Segundo os autores J. Gimeno Sacristán e A. I. Pérez Gomes (1999), faz parte desse processo, a humanização da escola utilizando-

* Aluna do 3º Semestre do Curso de Pedagogia da FMC.

se de experiências vivenciadas, o olhar do aluno, para o aluno e de reflexões da comunidade que somados a esse conhecimento público, a escola será capaz de introduzir uma nova face transformadora da sociedade, pois essa arma quebra a simples função reprodutora de informações neste ambiente.

Através destas atividades, também promover a desconstrução de equívocos dos valores inculcados ao longo de anos de escravidão e da existência da etnia afro no Brasil, tanto entre os descendentes europeus como aos próprios afro-brasileiros. A reconstrução da identidade cultural, promovida por essas ações positivas virá interferir de forma benéfica na juventude futura.

Segundo pesquisa da Fundação Perseu Abramo, Retratos da Juventude, os (as) jovens negros (as) chegam a 16 milhões de pessoas, considerando-se um percentual de 47% de negros (as) na juventude brasileira, é a que mais atenção deveria merecer das políticas públicas. A pesquisa aponta para a realidade na qual a discriminação racial, a desigualdade socioeconômica e a falta de acesso ao lazer são uma constante na vida da maior parte desses jovens.

Perspectivas em Educação

DISCRIMINAÇÃO NA INFÂNCIA

“Mostrar a importância de respeitar as diferenças é uma lição que deve ser ensinada desde os primeiros anos de escolaridade” (Planeta sustentável – não ao preconceito)

Nem mesmo as crianças do nível infantil estão livres da discriminação, ainda que não entendam a profundidade do assunto, é nesta faixa que se deve combater o racismo, é neste período que se instala a aceitação ou não das diferenças.

A professora Rita de Cássia Silva Santos vivenciou no Centro Municipal de Educação infantil Creche Vovó Zezinho, em Salvador, um episódio que salienta o fato. Certo dia ela levou para a sala de aula fotos com pessoas de características físicas diferentes e bonecos com vários tons de pele. Uma das crianças, Brenda, na época com três anos e meio, apontou a foto de uma menina negra e disse que “era feia”. – Por que feia? Perguntou a professora. – Porque ela é igual a mim, respondeu a garota.

É por isso que o combate às formas do preconceito deve ser prioridade já nos primeiros anos da educação infantil. “O sucesso escolar está ligado a uma boa formação. E esse sucesso depende muito da relação que a criança tem com a escola”, destaca o sociólogo Valter Roberto Silvério, do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Para a pedagoga Lucimar Rosa Dias, especialista em Educação e relações raciais e membro da Comissão Técnica Nacional de Diversidade para assuntos Relacionados à Educação dos Afro-Brasileiros, do Ministério da Educação, que investiga como as relações raciais são abordadas em creches brasileiras, nós não somos iguais, é essencial reconhecer as diferenças e combater a discriminação na sala de aula.

Reconhecer este fato significa partir para um trabalho de educação dessas relações raciais com propostas de atividades como contador de histórias, rodas de conversa, vídeos e contos, bonecos negros, o toque, a comida, música e artes plásticas.

A questão racial é conteúdo obrigatório no currículo escolar. A lei 10.639/2003 decretou a inclusão do ensino da história e da cultura afro-brasileira no ensino fundamental e médio, e passou a valer para todos os níveis da Educação Básica com a instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

Os especialistas ressaltam que o objetivo do professor não deve ser desprezar um determinado tipo de cultura ou dizer que uma é melhor do que a outra. “Cabe à escola dar oportunidade para todos conhecerem a cultura afro e entenderem que ela faz parte da cultura brasileira”. (Waldete Tristão Farias Oliveira, coordenadora pedagógica do Centro de Educação infantil Jardim Panamericano e formadora de professores em questões raciais).

Assim, introduzir desde cedo, já no ambiente infantil de ensino, uma metodologia cuidadosamente planejada, dentro de uma pedagogia positiva de relações entre as etnias, levará nossas crianças a descoberta saudável das riquezas culturais que podemos explorar, da diferença e da cor das raças, significa ainda, preparar a criança para aceitar e respeitar as formas e a multiplicidade de culturas que fazem parte do perfil deste povo brasileiro.

Bibliografia:

MENEZES, Débora. “*Não ao Preconceito*” *in*: Revista Nova Escola, 01/2007. Disponível em: http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/conteúdo_222338.shtml; acessado em 09/10/2007.

SACRISTÁM, J. Gimeno; e, GÓMES, A.I. Peres. “*Compreender e transformar o ensino*”. Porto Alegre: Artmail, 1999 (Capítulo I - “As Funções Sociais da Escola: da Reprodução à Reconstrução Crítica do Conhecimento e da Experiência”, sub título “Contradições no processo de socialização na escola” p.19).

ZIMBWE, Thais. “Novas perspectivas na militância étnico-racial” *in*: Jornal da Cidadania, nº 135 – junho/06. Disponível em: www.ibase.org.br/modules.php?name=conteudo; acessado em 09/10/2007.

Perspectivas
em Educação